

Brasil história: República Velha
- texto e contexto.

Por Mendes Júnior, Antonio & Maranhão, Ricardo. São Paulo, Brasiliense, 1979. v. 3, 378 p. Cr\$ 395,00.

Com o surgimento do *Brasil história, texto e contexto*, agora em seu volume três dedicado à República Velha, a editora Brasiliense dá continuidade à publicação dessa obra indispensável aos estudantes da história nacional. Os dois volumes anteriores foram dedicados à Colônia (1976) e ao Império (1977), sendo que o presente dá conta do período cronologicamente situado entre os anos de 1869 e 1922, ou seja, do final do Império ao surgimento do Tenentismo. As contestações ao regime que culminaram com a Revolução de 30 ficarão para o quarto volume (*A Era de Vargas*), e o quinto e último se intitulará *Contemporâneo*.

Mendes Jr. e Maranhão, auxiliados por mais 13 autores, escrevem 38 sintéticos capítulos da história brasileira do período, acrescidos de detalhadas cronologias, indicações bibliográficas, índices analíticos e remissões do texto. Isto faz com que a obra se constitua em eficiente instrumento didático, permitindo esclarecimentos imediatos sobre quaisquer dúvidas a respeito de nomes, datas e fatos compreendidos no espaço histórico analisado.

Acredito que o maior mérito deste volume didático, consagrado à memória do Prof. Duglas Teixei-

ra Monteiro, concentra-se em romper com aquela visão mecanicista da história, em que os fatos sociais e políticos acabam reduzindo-se a um mero reflexo da ação empreendida por governantes e pelos *heróis nacionais*. Ou seja, enaltecem-se as ações isoladas e individuais em detrimento de mudanças estruturais amplas, de complexidade coletiva. A grande maioria dos livros didáticos de história adotados no primeiro e segundo graus delineia um quadro onde Solano Lopez e o povo paraguaio aparecem como uma horda de bárbaros, verdadeira *excrescência humana* que precisava ser purgada, segundo as palavras do escritor argentino Sarmiento. Todavia, lendo o capítulo 53, A guerra do Paraguai (p. 45-64), no início da parte 13 — O império sem bases —, é possível perceber que em 1840 o regime paraguaio já promovia um desenvolvimento autônomo onde o analfabetismo havia sido erradicado e, também, se fechava à penetração de manufaturas inglesas, desenvolvendo uma vasta indústria artesanal. "No quadro de miséria, dependência econômica e poder latifundiário, característico da América Latina, as potências não podiam aceitar um Estado insólito, que nacionalizava as terras e promovia o ensino obrigatório gratuito para todas as classes. Do ponto de vista dos políticos e intelectuais argentinos e brasileiros, educados na Europa à custa do suor e do sangue de escravos e camponeses miseráveis, o Paraguai era a *barbárie*. Era necessário integrá-lo à *civilização*, vale dizer, ao mercado mundial controlado pelas potências capitalistas. Consciente ou não disso, o governo brasileiro foi um dos executores dessa exigência de imperialismo. Os esforços que o povo brasileiro teve que despendar nessa luta, e as inúmeras e importantes consequências que ela teve para a nossa história, só podem ser entendidos no quadro dessa hegemonia do capital britânico, que ao longo do século XIX presidiu à própria forma de organização das sociedades e dos Estados do continente. O Paraguai tentou ficar de fora dessa hegemonia. E foi punido com o extermínio do seu povo."

Este bem concatenado capítulo acompanha a ascensão de José Francia, o fundador da nação com poderes absolutos (era intitulado *El Supremo*), bem como sua política de guerra aos ricos e à Igreja, resultando num país que cultivava todas ou quase todas as culturas que se prestavam ao selo paraguaio, tornando-se auto-suficiente em seu abastecimento. Ao morrer, em 1840, não existia um só analfabeto no país, caso único em toda a América Latina. Carlos Antonio Lopez, o sucessor, dá continuidade à sua obra, instituindo o ensino superior, criando as primeiras indústrias de maior porte (fundição, fábrica de armas, pólvora, papel, tintas), instalando o telégrafo e construindo, já em 1861, duas ferrovias. Seu filho, o sucessor Francisco Solano Lopez, assume a presidência em 1862, mantendo o mesmo estilo do pai. "A essa altura o progresso do Paraguai já era motivo de cobiça para as grandes potências e países vizinhos. Desde 1861, sua balança de comércio apresentava grandes saldos, ao contrário dos crônicos déficits das economias dependentes e agro-exportadoras da América Latina." Segundo o clássico trabalho de León Pomer, *La Guerra del Paraguay, gran negocio!*, em 1860 as exportações guaranis chegaram ao dobro de suas importações.

A referida visão estrutural do processo histórico, procurando interligar os acontecimentos econômicos, sociais e políticos, pode ser observada em praticamente todo o presente volume. Merecem destaque alguns dos capítulos inseridos na parte 18 — Companheiros de boné — principalmente os de número 75, 76 e 77, respectivamente Trabalho urbano e vida operária, Os socialistas brasileiros e a social-democracia, e Anarquistas e anarco-sindicalismo no Brasil. O mesmo pode ser dito com relação àqueles dedicados à industrialização e o intitulado Origens do proletariado industrial do Brasil (70). Acredito que nem todos os estudiosos concordem com a maneira pela qual esses capítulos foram desenvolvidos, mas eles são, juntamente com o dedicado à Guerra do Paraguai, os que con-

têm as análises mais argutas sobre o período estudado. O complemento Manifestações culturais no fim do Império e na Primeira República, bem como o capítulo Formação do Partido Comunista Brasileiro acabam decepcionando o leitor, pois são sumários demais, contendo um mínimo de interpretação, talvez em virtude de pouco espaço editorial concedido aos colaboradores.

Finalizando, *Brasil história: República Velha -- texto e contexto*, bem como os dois outros volumes dedicados respectivamente à Colônia e ao Império são obras de ângulo pedagógico, indispensáveis. Entretanto, em conversas com professores de história de ensino secundário oficial, percebi que os esforços de Mendes Jr. e Maranhão seriam melhor recompensados se os volumes não fossem vendidos a quase Cr\$ 400,00 cada. Se o preço fosse pouco acima da metade do atual -- o que só se conseguiria com tiragens superiores a 20 mil exemplares --, pelo menos um número maior de professores poderia adquiri-lo e transmitir aos iniciantes uma visão da história brasileira que fugisse às grandiloquências das ações individuais, bem como ao puro e simples relato minucioso dos acontecimentos -- especialidade que a maioria dos livros didáticos que ainda hoje se edita consagrou fartamente. □

Afrânio Mendes Catani

Brasil 1990 — caminhos alternativos do desenvolvimento.

Por Rattner, Henrique, org.
São Paulo, Brasiliense, 1979.
233 p.

Brasil 1990 é uma coletânea de ensaios organizada pelo Prof. Henrique Rattner com o objetivo de apresentar um balanço das questões mais prementes que o País tem possibilidade de enfrentar nos próximos anos. Entretanto, não se trata simplesmente de um inventário dos problemas a serem enfrentados, mas sim de uma tentativa de trazer à baila os desafios que tendem a surgir no cenário da vida econômica, política e social brasileira.

Um fundo cinzento representando um corpo apertado por um cinto preto cuja fivela está abotoada em seu último furo é o que está fotografado na capa do livro -- capa tão interessante, quão pouco sugestiva de épocas promissoras -- e esta representação é confirmada pelas análises e prognósticos dos autores cujos trabalhos compõem a obra. Esta contém 10 ensaios elaborados por 11 autores, dos quais apenas três serão aqui brevemente descritos: Alternativas do futuro brasileiro, de Paul I. Singer; Preservar o meio ambiente, de Pierre J. Erlich; e Ciência e tecnologia, de Henriquete Rattner. As análises desses autores apresentam farto material que permite evidenciar a veracidade do que se afirma como objetivo do livro.

O artigo de Paul I. Singer -- Alternativas do futuro brasileiro -- traz em sua introdução a justificativa para um trabalho de especulação acerca do futuro do País. "Qualquer grupo ou organização política, que pretenda intervir de forma significativa na vida da nação, precisa ter uma idéia do que poderá vir a acontecer tanto em virtude de sua própria ação como em conseqüência das atitudes e posições assumidas pelas demais forças políticas" (p. 15). O autor procura ao longo de seu artigo examinar o que denomina "três cenários alternativos do futuro brasileiro", ou seja, três possibilidades diversas de organização da estrutura do poder, sistema de dominação, relações entre as classes sociais, repartição de renda, desenvolvimento regional e urbano, etc. Mostra-nos assim, em primeiro lugar, as possíveis conseqüências da continuação do esquema *militar-tecnocrático* com a permanência no poder das mesmas forças que atuaram nos últimos anos. A seguir, examina um cenário no qual predominam as forças da atual oposição que luta por um desenvolvimento capitalista em moldes democráticos e nacionalistas. E a terceira possibilidade é descrita em torno da eventual extensão da democracia participatória a todos os quadrantes da vida social -- possibilidade por ele denominada *socialista* -- concretizável, caso as forças que se opõem ao capitalismo, em nome dos interesses históricos da classe trabalhadora, alcancem o poder e possam nele realizar seu programa.

Integrando o panorama no qual surgem preocupações cada vez mais intensas com a deterioração das condições de vida, o trabalho de Pierre J. Erlich -- *Preservar o meio-ambiente* -- chama a atenção para a maneira segundo a qual o problema tem sido encarado entre nós. "Se não tomamos medidas para proteger o meio ambiente, não é por incompetência -- é por convicção... A problemática nacional, em termos prioritários, foi definida como a de acumulação de capital para o aumento da capacidade produtiva e a criação de empregos; outras face-